

O tema do capítulo: *O símbolo e a escultura* oportunamente enquadra-se na atual revisão que faz a historiografia da real dimensão do bandeirante na história colonial de São Paulo. Esta revisão tenta abarcar não só a discussão do verdadeiro papel geopolítico que os sertanistas da Capitania de São Vicente poderiam ter tido no alargamento do território português na América, no povoamento do sertão e na cooperação inter-racial que o monumento simboliza. Visa, outrossim, esclarecer o como e o porquê da transfiguração do bandeirante em mito de coragem, discernimento e nobreza de sentimentos ("o sangue itimorato e as nobilíssimas tradições", como se denomina a recente tese de doutoramento de Katia Abud, que justamente mostra como os constitucionistas de 32 e o Estado Novo de 37 "usaram" o bandeirante para a exacerbação do regionalismo e do nacionalismo).

Como foi visto, na época da maquete (1920), os "paulistas relembrariam os heróis de sua terra nas comemorações do Centenário da Independência". Já em 1939, na fase do projeto, a simbologia ligava-se à força que os paulistas queriam demonstrar perante o governo federal: "Os paulistas organizados hierarquicamente e solidários sob um comando forte". Na ocasião da inauguração a metrópole industrial, pujante, via suas raízes, os bandeirantes, homenageados que haviam sido empreendedores, abriram caminhos, como os paulistas de então (p.131).

Mas para o escultor — italiano nato, isento, portanto de regionalismo quatrocentão — interessava alegoricamente homenagear "as raças que constituíram a nacionalidade brasileira": o branco, o índio, o negro e o mameluco. Ademais, homenageando também os imigrantes como ele, que representariam a complementação daquela nacionalidade, retratou sua própria figura em um dos "gigantes de pedra" do Ibirapuera.

Heloísa Liberalli Bellotto

LIMA, Yone Soares de — *A ilustração na produção literária de São Paulo*. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros — USP. 1986 - 258 págs. ilustr. (Publicações, v. 33)

Ao assumir o encargo de comentar o livro de Yone Soares de Lima, revi os contactos anteriores que tive com o trabalho, desde a etapa de pesquisa, no dia-a-dia de atividades no IEB; na leitura da tese, em fase final de redação; e — após uma primeira tentativa de edição que ficou a meio caminho — a possibilidade de influir na retomada dos originais para que se levasse a termo a publicação, assumida e finalmente concretizada pelo IEB, em 1985.

Decorrido o tempo, na releitura da matéria em forma de livro, o que permanece, apesar dos contactos anteriores, é a identidade de caminhos, fontes e até resultados — embora sob enfoque específico — com as linhas da pesquisa em que venho trabalhando, tais como o trato com periódicos e obras da época do Modernismo no Brasil.

Aproximação atestada no próprio estudo de Yone S. de Lima, em numerosas referências no texto, notas e Bibliografia final, aos trabalhos do *Projeto de Estudo de Periódicos*, que, no âmbito do Modernismo foram realizados por alunos por mim orientados. E ainda as menções às reedições de revistas, como *Verde, Terra Roxa e outras terras, A Revista* para as quais contribuí com estudos introdutórios ou em apêndice. Fatos que me levam a sentir familiaridade com o campo de trabalho, embora a matéria seja vista sob enfoque diverso, permitindo o encontro com a outra face da obra literária ou periódico: a dos aspectos gráficos e de ilustração. Assim, tanto as revistas como as obras literárias, em geral vistas apenas através dos conceitos expressos nos textos, têm seu significado acentuado ou complementado pela atenção à feição gráfica que apresentam. Veja-se o caso de *Pathé-Baby*, de Antonio de A. Machado, das mais expressivas obras em prosa dos anos 20, cujo projeto visual se revela tão significativo quanto o conteúdo, emergindo a estreita correlação entre ambos — o que faz do livro um objeto para ser visto, não só para ser lido, conforme já pudemos afirmar.

O estudo de Yone S. de Lima se reveste de uma característica fundamental, na pesquisa: a originalidade. O projeto básico, em si, é um achado. O título, embora significativo, cobre apenas parte da extensão do conteúdo desenvolvido. Talvez tenha se mantido por fidelidade à matriz inicial, que é o núcleo do Capítulo 3, sendo que os Capítulos 1 e 2, nascidos de desdobramentos circunstanciais, adquiriram autonomia e feição próprias, na realidade, abrindo outro veio: o do estudo da produção material e da comercialização do livro, o que implica em se considerar a criação e desenvolvimento de editoras, no momento crucial em que dá o salto da produção artesanal para a industrial. Assim, as histórias do editor Monteiro Lobato, de editoras, como a Melhoramentos e Nacional, não são fatos isolados, pois traçam o itinerário do avanço industrial e comercial de São Paulo. Neste plano, o livro também oferece subsídios para caracterizar facetas da modernização em âmbito diverso, mas paralelo à renovação artística e literária — o que permite ver o Modernismo como um aspecto de um processo mais amplo.

Muito se pode dizer do interesse que desperta o estudo específico da ilustração, nessa fase intermediária da cultura brasileira, nos anos 20, quando o novo convive com o tradicional, sem que a delimitação de fronteiras fique clara, em muitos casos.

Facetas significativas de artistas, que se notabilizaram posteriormente, utilizando outras técnicas, se revelam, nos trabalhos de ilustração que realizaram em etapas iniciais de suas carreiras, como Di Cavalcanti. Outros, como J. Prado e Paim, mantiveram-se fiéis ao campo da ilustração, desenvolvendo atividade contínua. Dados de importância para se formar uma visão mais ampla da atividade pessoal, de nomes que se consagraram, ou do processo em seu todo, do qual participaram, também, artesãos anônimos. Além das páginas de análise e reproduções de ilustrações internas e capas, a recuperação de imagens e dados informativos se cristaliza em bloco no precioso

catálogo final — verdadeira festa para os olhos dos estudiosos ou interessados no livro, de algum modo. O plano informativo se enriquece, ainda, com verbetes, relativos a artistas. Para solidificar o trabalho, no que se refere ao rigor técnico de pesquisa e elaboração, fica nossa sugestão de se acrescentar um índice remissivo de nomes, que tornaria mais operacional o manuseio do livro como fonte de consulta, dada a diversidade de informações que abrange, interessando a estudiosos de vários campos. Abordando dois grandes temas — a produção material e comercialização do livro, e ainda a ilustração — evidentemente nem tudo poderia ser tratado no mesmo nível. Alguns pontos nos capítulos 1 e 2, apenas são tocados, constituindo-se em aberturas para retomada da própria autora ou de outros pesquisadores que aproveitem as sugestões — o que é um dos méritos das pesquisas que palmilham terrenos pouco ou nada explorados. Assim é a questão do livro e o público: gosto, faixa atingida, ou a correlação de aspectos gráficos e de ilustração com características do texto quanto ao estilo, no que se refere à presença de índices de modernidade: pontos para os quais o presente estudo apresenta dados para um aprofundamento, numa abordagem interdisciplinar.

Altamente positiva foi a permanente preocupação da autora em se avizinhar de trabalhos de pesquisa recentes — muitos ainda no limbo, em sua forma original de tese, sem terem se transformado em livro. Fato que nos leva à reflexão sobre a dimensão que adquirem as pesquisas parciais, criteriosamente realizadas, quando retomadas por estudiosos, que, incorporando as descobertas, dão um novo passo.

Neste ângulo o trabalho de Yone S. de Lima é exemplar, pois não deixa de lado as fontes de importância direta para seus temas e ainda toma outros, para questões secundárias. Mas, é com os pequenos fios que se entretetece a trama de um trabalho bem fundamentado.

Quero lembrar, também, o valor documental, de trabalhos como este, fincados em pesquisa original, que trazem à tona fontes pouco conhecidas, de acesso difícil mesmo aos estudiosos. Valor que provém do mergulho nos acervos, fazendo emergir raridades que repousam em bibliotecas e coleções. Para o leitor é sempre agradável rever — ou conhecer — ainda que em reproduções, as imagens das edições princeps, raridades que às vezes só colecionadores detêm. E de igual importância é divulgar junto ao público as preciosidades dos acervos das instituições — no caso o próprio IEB, basicamente, com as coleções Yan de Almeida Prado e Mário de Andrade, entre outras que preserva em sua Biblioteca.

Mas, o estudo que utiliza como fonte obras do passado tem, ainda, outra dimensão, pois o estudioso, à luz de sua época, infunde às obras ou objetos um sopro de vida nova. O debruçar-se do pesquisador atualiza as peculiaridades latentes — nem sempre apreensíveis aos olhos leigos — trazendo para a dinâmica de vida o que havia se tornado objeto de desvelo, para alguns. Fator também importante, pois não fosse a coleta e conservação de documentos e objetos, mesmo que a motivação venha a ser apenas o prazer pessoal dos aficionados, os

demais procedimentos de estudo seriam impossíveis. Daí a verdadeira rede, que se tece — como se deu no caso — nos contactos da pesquisadora com colecionadores, editores, artistas — na feliz redescoberta das pessoas, muitas ainda vivas —, nos percursos de levantamento e localização de obras e busca de informações.

Digna de louvor em vários sentidos é, portanto, esta realização do IEB, ao concretizar a presente publicação, trabalhosa e cara, mesmo não sendo em cores, como seria ideal num caso como este. Mas há sempre a esperança de uma reedição futura, em moldes que superem o esforço inicial.

Cecília de Lara

MAURO, José Eduardo Marques (Coordenador) — *História da Energia Elétrica em São Paulo*: S.A. Central Elétrica Rio Claro. (por: Cecília Marsiglia, Maria Regina Ciparrone Mello e Nely Robles Reis Bacellar). São Paulo, CESP-IEB, 1986, 105 págs.

O fascículo S.A. *Central Elétrica Rio Claro*, como se lê no Prefácio do Coordenador, Prof. José Eduardo Marques Mauro, é o primeiro resultado de um trabalho iniciado há três anos quando a Diretoria da CESP decidiu organizar a sua Memória, estabelecendo contacto com o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, dirigido, na ocasião, pela Profa. Dra. Myriam Ellis. Com este fascículo se lança a série *História da Energia Elétrica em São Paulo*, que prevê mais dois títulos. Em preparo, com alguns fascículos já no prelo, outras duas séries serão editadas: *Depoimentos e Entrevistas* e *Bibliografia*, compondo a programação, que transcrevemos no final.

De consulta obrigatória para os interessados na história da modernização técnica brasileira, as séries — conforme atesta o fascículo de lançamento — abrem-se a um leque mais amplo de leitores, ligados à administração, à economia, à indústria, a setores científicos relacionados com a energia, ou, apenas, curiosos quanto a aspectos do desenvolvimento brasileiro. Abertura que em grande parte provém do tratamento e da apresentação do material selecionado. Linguagem clara, acessível ao leitor comum e uso amplo de ilustrações, que não servem apenas de motivação para o público não especializado, mas oferecem ao estudioso a oportunidade de contacto mais próximo com extratos da documentação utilizada. Exemplos que, por si, revelam a retaguarda, do trato direto com acervos documentais: "É de salientar que o livro é ainda um produto parcial da pesquisa de Arquivos, uma vez que sua exploração total demandará um longo período", conforme o Prefácio.

Aspecto relativo à documentação digno de nota, por representar a resposta efetiva — e não apenas com palavras — a tão decantada necessidade de preservação e recuperação da Memória Nacional. O procedimento da CESP, deste ponto de vista, é exemplo para outras